



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED- EDUCASAÚDE

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E SAÚDE MENTAL COLETIVA

CARREGANDO ÁGUA NA PENEIRA:

A DELICADEZA COMO FERRAMENTA NAS PRÁTICAS DE SAÚDE MENTAL

ANNA LETÍCIA VENTRE

Orientadora: Dra. Analice de Lima Palombini

Porto Alegre - RS

2010

Iluminura: Cacos do Silêncio_Martha Barros

ANNA LETICIA VENTRE

CARREGANDO ÁGUA NA PENEIRA:

A DELICADEZA COMO FERRAMENTA NAS PRÁTICAS DE SAÚDE MENTAL

Trabalho apresentado como requisito básico para a conclusão do curso de Especialização em Saúde Mental e Coletiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Analice de Lima Palombini

Porto Alegre -RS

2010

*—Carregando água na peneira—
A delicadeza como ferramenta nas práticas de saúde
mental*

Anna Letícia Ventre

Analice de Lima Palombini

Agradecimentos

Entre tantos,
para aqueles que foram (ins)(es)crevendo em mim a tessitura do delicado, e dando assim,
consistência à experiência.

Em nome de não apagar o vivido, tatio a palavra-nome que os apresenta:
Aos meus queridos colegas de “Kombi”, que na dura BR de asfalto-esburacado-engarrafado,
mostraram-me como a troca e as faltas bordam a vida, e em particular, à amiga Adriana,
que com suas pétalas de delicadeza foi me ajudando a sustentar o difícil percurso e a ver
olhos de água em desertos;

Ao pequeno grupo de amigos-colegas-pacientes-andarilhos-que-na-extrema-diferença
foram expandindo meu universo, e entre encontros apressados, de bicicletas, em terras
íngremes, em árvores-estrelas, me convidaram gentilmente a abrir poros e a entender
melhor o sentido da transitoriedade;

Aos professores, que inventaram e sustentaram esse espaço-físico-temporal para que as mais
diversas trocas simbólicas se operassem. Analice, Rose, Sandra, Madel, Károl e Marcio, que
entre silêncios, distâncias e terras estrangeiras me propiciaram intensas viagens;

Ao grupo de orientação, pelos aprendizados bravamente compartilhados, e a Analice de
Lima Palombini, que no processo de orientação pode me ensinar sobre delicadeza da escuta
ao atravessar comigo o silêncio que me emudecia;

À minha querida irmã-de-alma Nayanna, que diariamente me instigava a ir além e me ligava com a frase: “já começou a escrever?” que me turbilhonava o sono, mas me fazia caminhar;

E ao meu querido vovô Marquinhos, que a vida colocou tão distante geograficamente, mas que, nos parques de encontro, me mostra que só pela insistência por uma delicadeza possível, e por vezes tão difícil de ser escutada, é que podemos seguir.

Arca de Palavras

Nota de Viagem [escrevendo para compor silêncios], 7

Entrada, 10

Perambulações, deambulações, convulsões [Alice sai (ou seria cai) da toca], 12

Pequeno mundus [tentando regar a semente da delicadeza], 17

Primavera [coisas muito claras me noturnam], 28

Verão [carregando água na peneira], 30

Outono [apertando parafusos no vento], 33

Inverno [e tivemos saudades de nós], 35

Saída [o dia vai morrer aberto em mim], 37

Referências 39

Nota de viagem_ [escrevendo para compor silêncios]

A difícil arte da escrita de si. Ou da escrita da experiência. Ou tudo isso, que diz o mesmo. Que é poder resgatar e dar consistência simbólica ao vivido. Nesses últimos anos em que essa Pós Graduação em Saúde Mental Coletiva habitou e tatuou meus poros, muitas camisas de força se rasgaram, olhares se deslocaram, convulsões se manifestaram nesse corpo-palavra-deambulado-confuso-estrangeiro. E, como bem questiona Foucault¹, “por que um pintor pintaria se não fosse para ser transformado por sua pintura?”, de que serve um texto escrito se o mesmo não transforma quem o escreve? Pois a tarefa de traduzir experiências para que estas não se apaguem, como bem nos sustenta Walter Benjamin², nem sempre se torna aprazível ao corpo e aos ouvidos – as palavras parecem se transformar areia dentro do contato explosivo com intensidades ficcionalizadas. Eliane Brum³ diz que, ao escrever, cada palavra é constituída de “sangue, fluídos e nervos”. Talvez por isso, cada palavra aqui (re)tomada doa tanto ao sair. Nesse longo parto, Guimarães Rosa⁴, com seu Riobaldo, que retoma Lacan nas entrelinhas, vai nos dando pistas de que acabamos por contar o que não sabemos se sabemos, para alguém que também não o sabe, mas que supomos sabedores (“Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal, quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba”, João Guimarães Rosa).

¹ Michel Foucault, encontrado em meio a visitas a casas (nem tão) vizinhas: CARNEIRO, Beatriz. **Relâmpagos com claror**. Lygia Clark e Hélio Oiticica, **vida como arte**. São Paulo: Imaginário/Fapesp, 2004, p. 40.

² Vagalume-Benjamin. As andanças de Alice, Baobá e companheiros só se tornam possíveis pela companhia visceral do filósofo Walter Benjamin, alemão nascido em 1892. Sua sustentação da escrita da história, da experiência e da arte da narrativa inspira os movimentos possíveis de nossas personagens, seja por seus vãos na “Rua de Mão Única”, como pelas suas magias em “Magia e Técnica, Arte e Política”. Mesmo com fim abrupto convocado pela grande guerra, segue dando luzes às batalhas cotidianas. Remetemo-nos aqui a Ferreira Gullar, em seu Poema Sujo, para buscar a tradução impossível dos efeitos de nosso vagalume nesta escrita. Gullar questiona-se como o perfume pode nascer das situações e ambientes mais inóspitos, que é o que Walter Benjamin produz. Reforçamos aqui: Stalingrado, e seja lá o que nos faz caminhar, resiste.

³ BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

⁴ ROSA, Guimarães. **O Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Nesse moxínife⁵, um díspar(ate) mosaico de experiências foi-está-vai se tecendo. Convidamos, então, personagens que vão, pelas suas itinerâncias, dando consistência ao vivido, numa epopéia sem o heroísmo dos clássicos, em uma cidade-do-país-das-maravilhas-e-das-concretudes-esburacadas-e-velozes, a se questionar sobre o valor da delicadeza nas práticas sociais, com o eixo das experiências na-com a saúde mental e a cidade. Atravessam-se, assim, quatro estações, onde a personagem Alice, junto de Baobá, coloca-se na posição de estrangeira, como uma acompanhante-acompanhada terapêutica⁶, nos percursos das cidades (in)visíveis⁷, que habitamos e nos habitam. Toma-se, desse modo, uma “forma forjada”⁸ de ensaio, livremente inspirada nas trocas com os diversos vagalumes que foram se apresentando no caminho. Talvez, o principal deles, Walter Benjamin, que nos pinta, no escuro de uma Rua de Mão Única de muitas direções, as palavras que seguem: “a faculdade da fantasia é o dom do interpolar no infinitamente pequeno, descobrir para cada intensidade, como extensiva, sua nova plenitude comprimida, em suma, tornar cada imagem como se fosse a do leque fechado, que só no deslocamento toma fôlego”⁹. E, abrindo o leque milímetro a milímetro, com as lonjuras necessárias, buscamos armar uma estética da delicadeza possível frente ao emaranhado de políticas fechadas em si mesmas, ou em cidades que, com práticas desresponsabilizadas e desarticuladas da multidão¹⁰, aniquilam a potência da

⁵ Moxínife – confusão, mistura. Contorno de palavra-corpo encontrado em: MARTINS, Nilce Sant’anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Edusp, 2001.

⁶ “Acompanhamento terapêutico: prática de saídas pela cidade, com a intenção de montar um “guia” que possa articular o paciente na circulação social, através de ações, sustentado por uma relação de vizinhança do acompanhante com o louco e a loucura, dentro de um contexto histórico”. Em: EQUIPE DE ACOMPANHANTES TERAPÊUTICOS DO HOSPITAL-DIA A CASA (org.) **A rua como espaço clínico: acompanhamento terapêutico**. São Paulo: Escuta, 1991, p. 31.

⁷ Italo Calvino, em seus cantos de rouxinol, atravessam toda a escrita.

⁸ Termo cunhado por João Cabral de Melo Neto, que nos parece sustentar uma política pela alteridade, ao situar o sujeito entre “ferros fundidos” e “ferros forjados” em sua obra Crime na Calle Relator. Em: Mello, João Cabral de. **O Ferrageiro de Carmona**. In: Crime na Calle Relator. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

⁹ BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II - Rua de Mão Única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000, p. 30.

¹⁰ Peter Pal Pélbart derrama sobre nós um interessante conceito para multidão. Diz ele: “Mais e mais o trabalho contemporâneo aparece como atividade produtiva da multidão (e não do capital), de sua inteligência coletiva (...), de sua vitalidade. Nem por isso deixa de ser explorado e expropriado pelo capital, antes pelo contrário, o capital encontra aí nessa força-invenção disseminada por toda a parte, uma reserva inesgotável. A potência de vida da multidão, no seu misto de inteligência coletiva, afetação recíproca, produção de laços, capacidade de invenção de novos desejos e de novas crenças, de novas associações e de novas formas de cooperação (...). A multidão, por definição, é pura multiplicidade, ela é plural (...). Como bem lembra Canetti, a massa é homogênea, compacta, contínua, unidirecional, todo o contrário da multidão: heterogênea, dispersa, complexa, multidirecional”. Em PELBART, Peter Pál. **Vida Capital: Ensaio sobre biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 84-85.

alteridade. No nomadismo inerente a qualquer andança, tomamos e ousamos resgatar um simbólico onde as pegadas da pequena Alice-artesã anseiam por sentidos, todavia sempre inacabados.

Entrada

“Poderia me dizer, por favor, qual é o caminho para sair daqui?”

- Isso depende muito do lugar para onde você quer ir.

- Não me importo muito onde.

- Nesse caso, não importa por qual caminho você vá.”

Lewis Carroll

Para autorizar-nos nessa viagem, convidamos a nos acompanhar diversas personagens. Como uma andança nômade vai se engendrando no percurso, tomamos apenas duas a guisa de introdução, deixando que os demais, entre vôos luminosos, como pulgas, querendo pular a contrapelo, ou diluídos em cada entrelinha, pudessem ir se fazendo (des)cobrimento ao longo das linhas.

Essas duas, nomeadas aqui de Alice e Baobá, talvez operem como os fios de Ariadne no labirinto de Dédalo, fios estes que (re)construíam os caminhos possíveis para que Teseu(s) encontrasse(m) outras rotas. Mas, como acreditamos que o caminho se faz caminhando, Alice, sempre acompanhada de Baobá, dá visibilidade às mais impensáveis ruelas, e problematiza, sempre ao lado de outro, a experiência coletiva e a experiência vivida, tomadas por Walter Benjamin como *Erfahrung* e *Erlebnis*. Benjamin nos sussurava uma arquitetura porosa dos espaços, e esses fios tomados por nossas personagens vão buscando dar consistência a esse coletivo que, segundo nosso vagalume-Benjamin, tende a declinar com as práticas sociais capitalísticas que nos atravessam.

Assim, entre bricolagens¹¹ e labirintos¹², apresentamos Alice, uma metáfora forjada que indica uma mistura híbrida das levezas e durezas da vida, unimultiplicidade de desafios, de caminhos. Um composto de fragmentos de inúmeros seres. E Baobá, que igualmente híbrido, traz a roda as questões do componente de desesperança presente a cada singelo ato em saúde que atravessamos e nos atravessam, e cujo qual um

¹¹ Paola Berenstein nos brinda com belas metáforas de seus estudos sobre as favelas. Tomamos emprestado algumas delas, que parecem nos fornecer ferramentas à nossa caixa e nos ajudar no corte-costura dessa viagem. Bricolagem remonta a “evocar um movimento incidental, da bola que salta, do cão que vaga sem rumo, do cavalo que sai da linha” (Claude Lévi-Strauss, em *O Pensamento Selvagem*, p. 26), ou seja, aquilo que segue pelas bordas, um “zigzaguar (...), dando voltas e contornos numa atividade não planejada e empírica” (BERENSTEIN, Paola. **A estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003, p. 24).

¹² Labirinto, também livremente inspirado no mito de Ariadne, pede empréstimo à Paola Berenstein a associação de sentidos com Hélio Oiticica, artista-convulsionado-deambulador, que foi ousando nos apontar que os labirintos “não são feitos para as pessoas neles se perderem, mas para ali se acharem, se encontrarem consigo mesmas e também com os outros (...) são espaços de convívio, espaços para viver”. Tomamos labirinto como o espaço onde a primeira coisa que perdemos é o que nos prende: “ali, o primeiro que se perde são os condicionamentos sociais, os preconceitos, as imagens estereotipadas. Perdemos ali, o que nos prende: dessa vez, o fio de Ariadne serve para nos desamarrear” (Idem, p. 84).

pequenino príncipe já nos anunciava em lugares (nem tão) distantes, as lonjuras que a força de um baobá pode chegar no seu potencial de achatamento e destruição. Talvez aqui pensado como concretude nesse invisível-visível que consome as políticas de alteridade e de diferença contemporâneas, e colocando a capacidade da delicadeza, por vezes, no limiar do esgotamento.

Perambulações, deambulações, convulsões

[Alice sai (ou seria cai) da toca]

Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para a gente pegar nela. Eu conversava bobagens profundas com sapos, com águas e com árvores. Meu avô abastecia a solidão. A natureza avançava nas minhas palavras tipo assim: O dia está frondoso de borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. E o rio encosta as margens na minha voz. Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Entrei comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. Perdoem-me os leitores desta entrada mas vou copiar de mim alguns desenhos verbais que fiz para este livro. Acho como os impossíveis verossímeis de nosso mestre Aristóteles. Dou quatro exemplos: 1- É nos loucos que grassam luarais; 2- Eu queria crescer pra passarinho; 3- Sapo é um pedaço de chão que pula; 4- Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer, a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada tenho profundidades. [Manoel de Barros, p.7, Poesia Completa]

Uma voz sussurada adentra os pensamentos de Alice: “distâncias somavam a gente para menos”. Foi pensando no quanto de distância também precisou tomar para chegar até aqui. Nas borboletas, pássaros, lebres, coelhos, lagartos, lagoas, mares, sapos que lhe dão consistência e lhe oferecem ferramentas diárias. Sentada, começa a rememorar, com sua hypomnémata, seu pequeno suporte de lembranças, cenas que foi vivendo no decorrer de intensas quatro estações.

Entre inverno, primavera, outono e verão, Alice encontra seu corpo-linguagem-tatuado pelo frio gélido, ressequido pelo outono depenado, recobrando a pele gasta com as forças da primavera florida e diluindo-se no

verão à queima-roupa. Enquanto Baobá lamuria a primavera passada e a falácia tranquilidade por detrás de muros, Alice se lembra do lagarto-Pacu.

Lagarto-Pacu¹³ andava sumido, naquilo que o sumiço guarda de esquecimento necessário, como falava o sapo-Nietzsche. Um raio de sorriso a toma. Lembra que lagarto-Pacu dizia que a gente parecia os bois. Rodava, rodava e não saía do lugar. O Riacho das Almas onde lagarto-Pacu passava seus dias se parecia muito com a cidade de Alice. Lá, o riacho ampliava as sofridas almas tomadas pelos caprichos da natureza, e, na invisível cidade de Baobá e Alice, a concretude linearizada embrenhava os espaços. Mas a pequena Alice se perguntava se havia tanta diferença assim na aridez de ambas as terras. Lembra que Pacu elaborou uma interessante estratégia de sobrevivência frente ao único caminho que despontava no seu labirinto, que era o rodar condicionado na bolandeira da vida. Lagarto-Pacu descobriu a mágica simbólica do livro e, com ele, rearranja os fios e tece outras passagens.

Alice, que nesse momento se encontrava mais encolhida que um ouriço, consumia-se com pequenas cenas de movimentos-de-bois, onde se rodava e rodopiava com perguntas na ponta da língua. Algumas a convocavam ao riso (daquele tipo que bem descrevia o pássaro-Freud): “mas tu tá tomando a medicação?”; “só às sete da manhã da quarta para pegar ficha”; e outras nem tanto: “não via muita diferença entre trabalhar no ambulatório e na esteira de produção da fábrica em que estava”.

Mas o que mais a tocava naquele instante era que lagarto-Pacu tentava se ‘alembra de uma história’. E que ‘às vezes ele lembrava, e às vezes esquecia’. E se sentiu um pouco como lagarto-Pacu.

Alice toma uma folha ao chão e retoma uma questão que a atravessava no outono: se a produção em saúde coletiva não necessitaria da capacidade de suportar incubadoras, aparelhos artificiais, ares gelados e brisas suaves para seguir no “olho do furacão”¹⁴, como bem a situou a águia-Merhy, no instante em que a

¹³ Lagarto-Pacu aparece em menção a personagem do ‘menino’, no filme Abril Despedaçado. Menino que recebe nome-tardio por andarilhos que atravessam Riacho das Almas. Assim, (re)nasce Pacu. Ele (re)conta uma história já tatuada nos ventos e vai desenhando outros contornos no que parece imutável. Companhia indispensável para nossa personagem que também tem devires de tatuagens mutantes. Ver: **ABRIL DESPEDAÇADO**. Direção: Walter Salles. Produção: Arthur Cohn. Intérpretes: Rodrigo Santoro, Jose Dumond, Rita Assemany, Ravi Lacerda e outros. Roteiro: Sergio Machado e Karim Ainouz. Música: Antonio Pinto. BRA-FRA-SWI, 2001, DVD (1h39 min). Widescreen Color. Produzido por Video Filmes. Baseado no romance de Prilli i Thyer de Ismail Kodaré, adaptado por Karim Ainouz.

¹⁴ Emerson Elias Merhy, em seus vãos rasantes, problematiza-nos por inteiro. Em: MERHY, Emerson Elias. **Os CAPS e seus trabalhadores: no olho do furacão antimanicomial- Alegria e alívio como dispositivos analisadores**. In: MERHY, Emerson Elias; AMARAL, Heloisa. A reforma psiquiátrica no

pequena se diminuía frente ao vento congelante das suas andanças. A metáfora do “olho do furacão” foi lhe arrepiando. Retomou os vôos da águia-Merhy e, entrando dentro do “olho do furacão manicomial”, reelabora questões nodais para escapar disso que gira sem cessar. Questiona, com a ajuda de Baobá:

- como o Programa de Saúde da Família, que passa então a Estratégia de Saúde de Família (tomando a solidez de não ser algo que se esvanece com um fim próximo), pode operar como substitutivo e alternativo ao modelo médico-hegemônico encontra-se com a mesma roupagem dos interesses econômicos e corporativos presentes na sociedade? E assim, é possível escapar do “furacão” ao problematizar as práticas hegemônicas de saúde e ousar construções de outros modelos de trabalho em saúde?

Os Centros de Atenção Psicossocial, os CAPS, na sua intrínseca articulação com a possibilidade de sustentação de uma delicadeza possível, propõem-se a estar constantemente questionando-se sobre outras formas de cuidado nos velhos hábitos já arraigados em nós e nos jeitos de lidar com a desrazão e de cuidar de um de seus produtos mais caros, a loucura. Como, nisso mesmo, ousar não encastelar-se dentro daquilo que dá sentido a sua existência, que é a aposta e a possibilidade de construções desejanças, pelo receio e dificuldade que a desacomodação pelo furacão sempre ao lado – quando não dentro – suscita?

Alice segue a caminhar pelas ruelas que se abrem. Então vê a imensidão para além do corpo que está a acompanhar. Em seus poros, testemunha-acompanha os significantes que vão bordando a imensidão alaranjada do céu, nas palavras do andarilho-Pedro, que abre então sua própria hypomnêmata e lhe conta sobre sua itinerante vida asilar. Diz, em plena primavera no sertão da cidade:

“sabe, minha vida se acabou quando fui diagnosticado transtornado bipolar. Acho que até hoje, estaria dentro do hospital se não tivesse aquele lei, sabe qual é, essa que fala que a gente não pode mais morar lá. Eu às vezes acho que não sei mais viver na cidade. Saí de um hospital direto para outro, mas que tem agora outro nome, e não tem grades, e fica mais fácil de fugir se quiser. Mas fugir para onde? Pelo menos nesse outro o corpo não pára e a mente pertence a Jesus. Acho que minha mente tá vazia. O que faço fora das grades?”

A lebre-Guimarães sussurava a ambos que “o sertão não tem janelas/o sertão é dentro da gente/O sertão é o sozinho/O sertão é o sem lugar”¹⁵, e Alice e o andarilho-Pedro buscavam reescrever sentidos outros a olhares linearizados e cambiantes de possibilidades. Mas, sabendo-se faltantes, conectavam-se a outros andarilhos que aos poucos inscreviam consistência no céu aberto da cidade-sertão. Alice via-se então a andarilhar pela cidade, como um flâneur, que se permitia o passeio a pé, com os pés na terra. A cidade misturava-se a outras, e tudo que era então sólido parecia, como já sussurava o vento-marxiniano, desmanchar-se no ar.¹⁶ Perguntava-se sobre ‘o que faço fora das grades’, e viu que, nas cidades, as grades dos condomínios ampliavam-se para dentro de cada um. E dava-se conta, deambulando pelo espaço, que podia ficar tão pequenina como um grão de areia ao se deparar com a imensidão do oceano. E diminuindo os passos, retoma a força de cada um desses andarilhos que, ousados a tomar outra possibilidade de existência, investem em passos nas ruas que muitas vezes os lançam para uma única mão.

Alice começa a ter sensações que lhe lembram de tempos anteriores, e seu corpo começa a sentir o peso da história. Reencontra Baobá e divaga livremente sobre mundos de grades invisíveis e de vozes aprisionantes. Baobá fala então que não sabia ao certo se o lugar do andarilho-Pedro não seria mesmo no “livre espaço do campo fechado”. Alice se perde: “livre-espaço-fechado”. Bem, um CAPS pode ser aberto e ao mesmo tempo fechado, dependendo da extensão dos fios que tem costurados nos seus labirintos. O chapeleiro-Hélio assoprava em brisas que, para ser possível acreditar em livres-espaços, no limiar possível em que o conceito de liberdade se expande no contemporâneo que compartilhamos, precisa-se sair das torres de marfim e ousar não querer controlar o labirinto do exterior, do alto. A coelha-Paola o descreve: “ele faz o caminho interior, descobre um mapa experimentando o labirinto. Deliberadamente, se perde, para depois melhor se encontrar”. Chapeleiro-Hélio, em sopros parangoleanos, responde: “a derrubada de preconceitos sociais, das barreiras de grupos, classes, seria inevitável para realização dessa experiência vital (...). O condicionamento burguês a que estava submetido desde que nasci desfez-se como por encanto. Creio que a dinâmica das estruturas sociais revelaram-se aqui para mim na crudeza, na sua expressão mais imediata, advinda desse processo de descrédito nas camadas sociais, não que considere eu sua existência, mas sim que para mim se tornaram como que

¹⁵ Idem referência 4.

¹⁶ MARX, Karl. **Manifesto Comunista de Marx e Engels**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

esquemáticas, artificiais, como se, de repente, visse eu de uma altura superior o seu mapa, o seu esquema, fora delas – a marginalização”¹⁷.

¹⁷ BERENSTEIN, Paola. **A estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003, p. 74.

Pequeno mundus¹⁸ _ [tentando regar a semente da delicadeza]

“O abandono do lugar me abraçou de com força/ E atingiu meu olhar para toda a vida/
Tudo que conheci depois veio carregado de abandono/ Não havia no lugar nenhum caminho de fugir/
A gente se inventava de caminhos com as novas palavras/ A gente era como um pedaço de formiga no
chão/ Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo” (Manoel de Barros, p.463)

Qual o sentido de tomar a delicadeza como um fio no labiríntico trabalho em Saúde Mental Coletiva? A Saúde Mental Coletiva, no constante trabalho de luta micropolítica para sustentação de uma ética que convoque nossa condição desejante¹⁹, toma a singularidade do sujeito como eixo que articula e sustenta as redes e possibilidades que podem se expandir para cada um a espaços impossíveis de prever com prescrições e previsões a priori. Pode-se talvez dizer que arriscamo-nos a supor movimentos, por vezes emprestamos nosso desejo onde só se avistam desertos, para que olhos d’água possam emergir.

A delicadeza não se constrói como uma característica intrínseca da nossa constituição humana. Ela nos parece, a cada instante, gritar pelas ventanas da vida, e ser tão sensível quanto o singelo fio de seda que rompe a proteção casular de uma libélula ao nascer. Pensamos ser difícil desvincular o trabalho em saúde de práticas que se sustentem eticamente com fios de delicadeza. Não ousamos chamar de ética da delicadeza, pois, para as pretensões desse ensaio, os passos de Alice e seus companheiros não se alargam tanto. Mas a questão já se monta com Finnegan, citado pela beija-flor-Maria Rita, que traz que a delicadeza é uma posição ética, que protege o que está à margem do mercado. Canta ele que a “delicadeza protege a memória daquilo que a expansão do

¹⁸ Mundus: em derivâncias latinas, dizendo do “lugar onde os desejos acontecem”.

¹⁹ Enodamos aqui a posição ética sustentada pela psicanálise lacaniana, onde se borda a travessia de que cada um possa ir rompendo com a cegueira do desejo inconsciente e, assim, se coloque na ‘peleia da vida’ mais responsabilizado por sua condição desejante.

capitalismo destruiu”²⁰. Mas isso não significa, lembra Maria Rita, que a delicadeza o extingue. Ela faz o exercício intenso de proteger o que tenta se colocar de fora dessa lógica, mas não freia o capital.

Tal como o chapeleiro-Hélio na bateria da escola de samba, estamos a dançar a melodia que dá pistas da delicadeza. Melodia situada no recorte ocidental, que é a partir de onde se coloca possível fazer ensaios sobre a mesma. Como uma caixinha de músicas de nossa primeira infância, cujas notas vão se espalhando pelo quarto, a delicadeza também canta possibilidades de contornos a pequenos toques.

As notas chegam até Alice, que seguia andando por uma de suas cidades, cercada de curiosos andarilhos que a acompanhavam. Um apontava em uma única direção e, sorrindo, gritava: “free way”; outro segurava firmemente um mapa de territórios que, tal como Dédalo, lhe dava a sensação de saber o caminho de saída e de retorno. Para um, o corpo debatia-se, tentando fazer arremedos de contornos nas bordas de outros-andarilhos-passantes. Ainda mais um deles, a anunciar que qualquer passo em direção ao “mundo dos vampiros” só seria possível com uma nave espacial rumo à marte!

Alice, junto da companheira Amelie, apertava passos, multiplicava os silêncios e os barulhos das pedras, dos latidos, e dos ponteiros que anunciavam que o tempo acelerava quando os destinos se traçavam pelas ruelas abertas. Gritos da cidade de pedra as(os) rachavam e insistiam em ditar direções: “mas o lugar ‘disso’ é preso”; “que tal pegar uma cordinha para amarrar todos?”. Alice lembrava-se dos movimentos iniciados em terras estrangeiras, das ousadias de seu próprio território em romper com séculos em naus e por detrás dos muros²¹, e

²⁰ Finnegan é citado livremente em artigo online por Maria Rita Kehl. Em: KEHL, Maria Rita. **Delicadeza**. Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=266>. Acesso em 20 de outubro de 2010.

²¹ O rompimento dos manicômios ‘físicos’ e ‘mentais’ se coloca como desafio constante. Por ser deveras vasto, destacamos aqui os caminhos íngremes percorridos na construção da Reforma Psiquiátrica Brasileira com a bem-te-vi-Analice, que pôde ir gracejando seu canto com uma tese de doutoramento em céu aberto. Canta Analice: “Não é difícil constatar que a substituição efetiva dos manicômios por uma rede de serviços abertos tem-se aplicado mais facilmente em municípios de pequeno ou médio porte, desprovidos, até então, de qualquer equipamento de assistência à saúde mental, seja ambulatorios ou hospitais (o que antes implicava o deslocamento da população para atendimento ou internação nos centros maiores). Nos municípios de grande porte, onde se concentra o grosso das instituições hospitalares manicomial, apesar da progressiva diminuição de leitos nos hospitais psiquiátricos, a convivência entre parque manicomial e serviços do tipo CAPS ainda se sobrepõe à sua efetiva substituição. Não se pode deixar de mencionar, nesse contexto, a mobilização crescente dos setores mais conservadores da psiquiatria, representados em especial pela FNH (Federação Nacional dos Hospitais), Conselhos Profissionais de Medicina e ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria), que buscam refrear esses avanços através de ações desencadeadas no âmbito legislativo (apresentação de projetos de lei antireforma), governamental (disputas de postos chaves e proposição de contra-normas), científico (questionamento quanto à cientificidade das novas práticas), corporativo (reivindicação

em seus poros sentia que o peso das heterogeneidades incomodava onde se buscava a pseudo-higienização-homogênea dos espaços.

Olhava em volta. Um banco de madeira despedaçado que guardava espaço para aqueles em que o tempo já havia passado delongas, e onde os pequenos andarilhos arriscavam rabiscar outros horizontes segurando moedas de esperanças. Asfaltos esburacados, mercados gigantescos, postos de gasolina, balanços em praças abandonadas, uma cidade-embrutecida, ou que talvez esteja esquecida da história que a constitui. O rouxinol-Italo então canta:

“A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado (...). A inclinação de um canal que escoia a água das chuvas e o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela (...). A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras”²²

Interpela-se sobre o potencial de criação no deserto. Mas sozinha percebe que não alcança muito longe. Porque, para se adquirir muitezas²³, precisa-se do outro. Aproxima-se. Mistura-se. Amarra nós-em-um. Nós-em-nós. Subindo degraus, pensa: seria possível seguir sem delicadeza?

de prerrogativas médicas) e nos meios de comunicação de massa (difundindo a idéia de que diminuição de leitos psiquiátricos equivale à desassistência). Tais fatos apenas vêm reafirmar que a reforma psiquiátrica só se faz como movimento permanente de resistência” (p.118). Em: PALOMBINI, Analice de Lima. **Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica**. 2007, 248 p. Tese (Doutor em Saúde Coletiva). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro.

²² CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 14-15.

²³ Muitezas: termo inespecífico na nossa linguagem portuguesa. Cunhado da livre tradução de Lewis Carroll, que talvez queira nos emprestar desejos, quando estes se escassam, para mostrar que “todo o deserto sempre tem olhos de água por perto”. E que, para vida no coletivo, só com muitas muitezas que seguimos.

Sente então, uma gulodice de vida jamais antes imaginada. Mas, temendo exceder-se, inicia abrindo a pequena caixa de ferramentas que foi sendo talhada nos últimos tempos de viagem.

Como num pequeno tear, começa a pensar na prática da delicadeza, termo que, a seu marejado olhar ocidental, carrega possíveis ambigüidades na dualidade fragilidade-força.

Confunde-se. Pode algo ser forte-fraco/frágil-intenso/forte-frágil ?

Chapeleiros-Malucos a rodeiam para dizer que as almas são muitas. Basta conseguir escutá-las. Alice sorri. Lembra que não há uma única cidade dentro de uma cidade. Escutar as cidades (in)visíveis. Não deixá-las presas a ilhas de Calipsos distantes e inacessíveis.

A noite cai. E Alice endurece-se pensando na questão da delicadeza, e Baobá tenta lhe dizer que olho d'água nenhum aparece e permanece. Eis que encontram então um velho conhecido, que lhes conta a história de um senhor psicanalista, o chamado então pássaro-Freud, e de um poeta. O pássaro-Freud²⁴ voava por terras vienenses no frescor da primavera acompanhado de um jovem poeta, e este, com devires baobanianos, lamuriava-se de que, com a chegada do inverno, a beleza das flores vistas chegaria a seu fim. Freud então passa a pensar sobre o valor do transitório. Como os tempos ressoavam bombardeios de uma guerra primeira, o grande pássaro-Freud conclui que o transitório não retira o valor das coisas, e sim, acrescenta-lhes. Nisso, a beija-flor Maria Rita complementa: "A delicadeza é possível justamente nas culturas em que a perda está incluída como parte da vida. Ao contrário, os que nada admitem perder, talvez desprezem tudo o que é efêmero, frágil, transitório".²⁵

Baobá senta-se e seus olhos pesados se (en)cerram. E assim, cerrado, sonha. Às vezes Baobá tem dessas coisas de falar dormindo. Alice gosta. As palavras soltas vão formando arabescos em pleno ar. Escuta, como uma cantiga, Baobá dizendo que um falcão-negro que está sempre perto. Falcão-Heidegger, Alice atenta reconhece as palavras-sons. Parece que cerrado em sono, Baobá permite escutar-sentir seus vôos e as questões da finitude

²⁴ Pássaro-Freud, batendo suas asas levemente, desenhando arabescos que dão consistência simbólica ao vivo. Sobre transitoriedade, ver (ou voar) por: FREUD, Sigmund. Sobre a **Transitoriedade**. Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1915/b/1974.

²⁵ Beija-Flor-Maria Rita, cantando pelas terras virtuais. Em: KEHL, Maria Rita. **Delicadeza**. Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=266>. Acesso em 20 de outubro de 2010.

como “o modo fundamental do ser”²⁶. Alice então sente seu corpo inquieto. O sono não vem. Dá-se conta, com os arabescos do companheiro, que, ao nos depararmos com nosso lugar de seres faltantes, é que podemos tomar o sentido da delicadeza e dos meandros de um apagamento que range.

Delicadeza, entretanto, não pressupõe, como apontado acima pelos questionamentos iniciais de Alice, uma dicotomia entre fraqueza-força. Tampouco qualidade de espíritos ‘evoluídos’ ou por demasiado polidos. Ou ainda daqueles que não constroem a possibilidade de articular-se no duro mundo que vivemos, e daí se usam de ferramentas amasiadas para compor sua existência. O rouxinol-Ítalo, em um de seus últimos cantos, compõe uma grande partitura, onde destaca seis notas para o próximo milênio. São elas: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Na primeira nota, leveza, conta que, no início de sua vida de escritor, sentia que por vezes o mundo inteiro parecia estar transformado em pedra. Dizia ainda, com aspirações de Baobá, que “mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida, como se ninguém pudesse escapar do olhar inexorável da Medusa”²⁷. Mas vejamos, então, que o único herói capaz de decepar a cabeça de Medusa é Perseu, que voa com sandálias aladas. Ou seja, para decepar a cabeça de Medusa sem que vire pedra, o herói se sustenta sobre o que há de mais leve e dirige o olhar “para aquilo que só pode se revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada no espelho”²⁸. O mito contempla muito mais que essas esparsas linhas, mas talvez a melodia que possamos engatar venha na direção de que a leveza não exclui o peso de um ato. Ovídio²⁹, nos versos IV, cantava as delicadezas necessárias à alma de Perseu para que este pudesse ser um dominador de monstros: “para que a areia áspera não melindre a anguicomia cabeça, ameniza a dureza do solo com um ninho de folhas, recobre-o com algas que cresçam sob as águas, e nele deposita a cabeça da Meduza, de cabeça voltada para baixo”. Ou seja, mesmo os monstros se

²⁶ Falcão-Heidegger. Entre tantos vãos, fala do ser, da finitude, e da experiência. Essa, que tanto toca as entrelinhas aqui. Diz: “fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança, que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer uma experiência”, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer; “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, a medida que nos submetemo-nos a algo. Fazer uma experiência quer dizer portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e nos submetendo a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de uma dia para o outro ou no transcurso do tempo”. Em HEIDEGGER, Martin. **De camino al habla**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987, p. 143.

²⁷ CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 16.

²⁸ Idem, p. 16.

²⁹ Ovídio, em seus cantos, citado pelo rouxinol-Ítalo, em , Ítalo. **Seis Propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.

mostram percíveis e frágeis. Diz ainda Ítalo que, para ele, a leveza está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago e aleatório. Cita Paul Valéry: “é preciso ser leve como o pássaro, e não como a pluma”³⁰.

A delicadeza começa a tomar forma a partir da sua inter-relação com a finitude, com a transitoriedade e com a perda intrínseca ao nosso viver. Poderíamos também dizer que se encontra imbricada com o tempo. Finnegan³¹ apontava para isso, assim como John Berger diz: “Os poemas atravessam campos de batalha, cuidam dos feridos e ouvem os monólogos delirantes de triunfantes e derrotados. Trazem consigo uma espécie de paz. Não por qualquer virtude anestésica ou de fácil consolação, mas por conterem o reconhecimento e a promessa de que **as experiências não podem desaparecer como se nunca tivessem existido**”³².

A delicadeza, como apontada nas entrelinhas por Berger, situa-se arraigada às experiências. E nesse ponto que retomamos sua relevância para pensar as ações em saúde mental e também, na sua relação com as transmissões que se constroem nas cidades. As práticas em saúde, e particularmente, em saúde mental coletiva, não produzem sentido se estiverem desarticuladas das experiências que as sustentam. Exatamente porque se constroem a partir da multiplicidade (outra palavra do rouxinol-Ítalo) de movimentos micropolíticos que vão se engendrando nos fazeres. Desamarrar as experiências da saúde mental seria o mesmo que apagar a possibilidade de transmissão da história.

Alice recorda-se de uma história contada há muito tempo, por outros habitantes, que em suas andanças pesquisavam sobre o elevado índice de mortes em uma cidade-feliz. Os suicídios se davam em pontos mais específicos do espaço geográfico, e os habitantes desconheciam as razões para tal fato. Mas, entre passos e contatos, se reconstrói uma história de imigração germânica, onde era costume de determinada cidade européia que seus habitantes retirassem sua vida, em topos de árvores, se determinadas injunções sociais não se

³⁰ Paul Valéry também recheia o tema da Leveza, costurando os cortes e costuras de Ítalo Calvino. Idem, p. 18. .

³¹ A beija-flor Maria Rita espalha seu canto com muitos parceiros, sem, entretanto, delinear onde os encontros se marcaram na origem. Por isso, e para não apagá-los, resolvemos citá-los mesmo sem contornos estáveis. Encontro dos beija-flores Finnegan e Maria Rita locado em: KEHL, Maria Rita. **Delicadeza**. Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=266>. Acesso em 20 de outubro de 2010.

³² John Berger compartilha dos mesmos encontros. E do mesmo movimento de resistência pela experiência. KEHL, Maria Rita. **Delicadeza**. Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=266>. Acesso em 20 de outubro de 2010.

operassem. Retirando as poeiras das histórias transmitidas, foi possível ensaiar novos passos para a cidade, que talvez pudesse, então, fazer pequeno jus ao pesado nome que carrega.

De apagamentos de experiências, podemos andar em marcha ré, até a segunda guerra mundial, onde a sociedade alemã, por não conseguir elaborar os efeitos dos eventos traumáticos compartilhados coletivamente, opta por “apagar a memória do evento traumático e esse simulacro de recalque coletivo tende a produzir repetições sinistras”, diz a beija-flor Maria Rita, que complementa “se a adesão aparentemente inexplicável de grande parte da população alemã ao programa de extermínio do Partido Nacional Socialista foi considerada por diversos autores como sintoma do mal estar naquela sociedade, as tentativas de esquecimento da experiência traumática de Shoah também produziram sintomas sociais de outra ordem: melancolia, má consciência, desrealização da experiência histórica, além do inevitável retorno do recalcado, expressado pela proliferação de grupos neonazistas a partir da década de 1980”³³. Um recalque da história, que insiste em retornar. Ou, quem sabe, pensar em políticas de governo, que brotam a cada mudança de partido e não se consolidam como práticas e políticas públicas. A necessidade de visibilidade tão cara ao nosso atual sistema econômico massacra a alteridade e o valor da transmissão e da história das práticas. E, o mais crucial, massacra também o valor da composição de cada história singular, de cada habitante e da cidade.

Assim como um plano terapêutico singular que se tece diária e coletivamente, os fios da conceituação da delicadeza também seguem tessituras constantes. As linhas da finitude, tempo, transitoriedade, leveza, força, poesia e experiência tentam compor bordados possíveis.

O vagalume-Benjamin talvez tenha sido o filósofo que mais ousou bordar com essas linhas. Talvez porque (ar)riscou-se à experimentação em passos largos e a pé pela cidade, coletando e nos narrando os pequenos atos e gestos do cotidiano. Benjamin problematiza o valor da delicadeza em tempos de aceleração e ousa gritar pelo seu desaparecimento. Parece-nos que a delicadeza ainda pinta-e-borda cores possíveis na margem, como dizia Finnegan (ou os poetas, ou os andarilhos) e bem a situaremos em práticas singulares de saúde e em alguns movimentos da cidade. Benjamin, para sustentar sua posição, retoma como não podia deixar

³³ KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009, p. 28.

de ser, traços de nossa história (ocidental). Escreveu, na terra da Alemanha, entre as duas grandes guerras, um ensaio sobre o que se passava com os soldados que voltaram do front depois da primeira guerra mundial. Constatou-se que os mesmos viam-se impossibilitados de transmitir às pessoas próximas o que haviam vivido.

Alice faz uma pausa e rememora sobre a borboleta-Baptista, que, em vôos contornados de silêncios, em terras onde os primeiros movimentos de reforma psiquiátrica se iniciaram, conta a história de um morador de um antigo hospital psiquiátrico que havia então aberto suas grades enferrujadas, possibilitando que o mesmo andarihasse pelas ruas. Mas, a cidade, que por tantos anos ocupava a posição de estar dentro-da-vida-fora-da-diferença, ao deparar-se com as portas 'simbólicas' abertas, parece ter dificuldade de escutar a transmissão do que acontecia dentro de territórios geográficos determinados, onde talvez o que mais se aniquilava era a possibilidade de uma curiosidade sobre a vida. E, assim, pouco escutava do andarilho, que queria, como todos, ter amigos.

Retoma Benjamin, sem querer apressar-se na curiosidade. O autor começa a estabelecer uma diferença essencial entre experiência (*erfharung*) e vivência (*erlebnis*) para construir a borda da delicadeza, colocando que os soldados, cuja vida psíquica, limitada durante o período das guerras, reduzida à atividade de parar choques, tinha os empobrecido em experiência comunicável. Talvez como os que estavam (e ainda estão) colocados dentro de muros - visíveis ou nem tanto. Benjamin toma o empobrecimento da experiência como diretamente ligado à aceleração da temporalidade nos primeiros passos do século XX. O pássaro-Freud abriu o caminho para que Benjamin (sempre junto de outros teóricos) pudesse considerar que o trabalho psíquico de aparar choques que a vida moderna impõe, reduziria o psiquismo ao velho sistema que o pássaro-Freud dimensionou de percepção-consciência. Sabedores que o que convencionamos aqui chamar de psiquismo relaciona-se com o intenso trabalho de camadas mais profundas de nossa mente – o pré-consciente e inconsciente. Maria Rita fala: “este é o trabalho responsável pela memória, que confere ao eu um sentimento de permanência ao longo do tempo assim como de continuidade da existência. Também o devaneio, a fantasia, todas as capacidades criativas da imaginação são gestados nos sistemas pré-consciente e inconsciente”³⁴. A experiência vai dando o caldo para que esses processos se constituam. Uma vida empobrecida de experiências restringe a possibilidade de transmissão.

³⁴ KEHL, Maria Rita. **Delicadeza**. Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=266>. Acesso em 20 de outubro de 2010.

É a partir da experiência e da transmissão que o sentido da vida vai tendo consistência: nas sabedorias de velhos que contam suas histórias, passando de geração a geração as aventuras familiares; nos viajantes que tatuam suas palavras ao compartilharem suas peripécias; nos colegas que transmitem a história da cidade e do serviço, em versões reais e também fantasiosas e, por serem dessa forma, essenciais. O mais importante: a transmissão da experiência pelas narrativas marca um modo singular de habitar o tempo do que estamos habituados em nosso corpo-velocidade. Quem escuta uma narrativa é quem vai transmiti-la a posteriori pelas epopéias da vida. Mas, ao contar uma história, inicia-se também uma nova roupagem da mesma, com as implicações de cada um. O “direito de propriedade” se dilata e com isso “vive-se uma temporalidade distendida, em que a vida de cada indivíduo se liga a de seus antepassados e a de seus contemporâneos, como elos de uma delicada corrente tecida de experiências através das gerações”³⁵.

O vagalume-Benjamin instiga: “Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?”³⁶ Nisso, e com os silêncios dos combatentes, Benjamin já fazia sombra para o que atualmente se constata com o rápido desenvolvimento da tecnologia e os efeitos devassos de duas guerras voltadas para o apagamento. Diz ele: “porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano”³⁷. Fala então do monstruoso desenvolvimento da técnica e do quanto a mesma desmoraliza a experiência.

Alice e Baobá, na cidade-das-fantasias-e-dos-devaneios, escutam atentamente o vagalume. Perguntam-se sobre os processos de medicalização, os procedimentos centrados em especialismos, e a morte, quase tão cruel quanto uma câmara de gás, da potência da experiência. Com uma técnica ou um modelo que exclui a narrativa de si, o que se busca mesmo produzir? A morte em vida da experiência?

³⁵ Ibidem.

³⁶ BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense. 2008, p. 114.

³⁷ Idem, p. 115.

Entre sombras, mas com o brilho fornecido pelo vagalume, seguem conversando. A experiência depende daquilo que talvez mais se evapore, que é possibilidade de imaginação nos dias de hoje. Imaginação tomada como um dispositivo para que cada um possa formular sua própria versão das transmissões. Mas, principalmente, coloca a transmissão em ação, e a mesma elabora um conjunto de referências da experiência coletiva que possibilita a escolha por ruelas e não um jogar-se da montanha a céu aberto, sem referências de nenhuma parada a não ser o desaparecimento no chão. Benjamin diz que “ficamos pobres”, pois a pobreza de experiências é apenas uma das grandes partes de uma pobreza que, na época medieval, tinha contornos definidos como o do “mendigo medieval”, por exemplo. Reposiciona e desacomoda Alice questionando aos quatro ventos: “qual o valor de todo nosso patrimônio cultural se a experiência não mais se vincula a nós?”³⁸. Diz que, assumindo que a pobreza de experiência não é de ordem privada e sim de toda a humanidade, entra em jogo uma nova barbárie. Barbárie que se configura a partir da pobreza de experiência, impelindo o bárbaro a seguir em frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Andando com as empoeiradas viseiras.

Risadas nervosas aparecem agora já na cidade-pedra. Alice pensa: nova barbárie que seria como o mesmo manicômio agora a céu aberto, onde, pobres de experiência, aspiramos de tomarmo-nos como tábulas rasas?

Alice adormece. E na cidade-pedra, inicia-se uma guerra, já há tempos anunciada. A rainha vermelha anuncia cortes de cabeças do que foge à ordem-do-apagamento-da-transmissão-da-experiência-coletiva³⁹.

³⁸ Idem, p. 115.

³⁹ Ordem-do-apagamento-da-transmissão-da-experiência-coletiva: nossas personagens precisam retomar as forças na cidade-cinza-esburacada, ou cidade-pedra. Referimo-nos aqui aos movimentos articulados pela gestão em Saúde dessa mesma cidade, que pode ser tantas outras, na proposta de organização de uma política de saúde onde a terceirização não viesse tão sinônimo de fragmentação do trabalho, como é seu padrão. Mas eis que nosso vagalume- Benjamin brilha então ainda mais forte para alertar dos rompimentos com a experiência. Constrói-se uma estratégia com o fio da desvalorização de uma política da alteridade, deixando o modelo vigente, médico-hegemônico, ainda mais fortalecido com disparidades salariais e de jornada de trabalho, enrijecendo uma disciplina em detrimento de outras. Mas o que mais nos interessa aqui é que a partir desse novo arranjo, não se contempla preservar o valor do patrimônio histórico e cultural tecido diária e arduamente em anos de luta e resistência contra movimentos antireforma sanitária e psiquiátrica. Ousamos apontar que as tentativas são como de jogar tinta branca sobre quadro já com pintura iniciada, como se os contornos delineados não pudessem ir se metamorfoseando com as novas histórias. Questionamos da possibilidade de não apagamento da experiência coletiva se se tem por pressuposto reescrever uma história a ferro fundido, com a desvalorização da mesma como pilar. E o imaginário que respira pelos poros de quem chega e queima a quem se retira. Como evitar a barbárie da experiência, como falava Benjamin? Retomamos brevemente Ferreira Gullar a lembrar: “um gesto/ nas conversas da esquina (...)/ como pode o perfume nascer assim?/ Na lama, na beira das calçadas/ **Da água dos esgotos** cresciam pés de tomate/ Os beirais das casas, sob as telhas/ **Nasciam capins mais verdes que a esperança**/ Era a vida a explodir por todas as fendas da cidade/ sob as sombras da guerra (...)/ Stalingrado resiste/ Por minha cidade azul/ Por meu Brasil Salve Salve/ **Stalingrado resiste**/ A cada manhã/ Nas janelas/ Nas esquinas (...)/ Luto (...)/ O mundo sem voz” (grifos nossos). Em: GULLAR, Ferreira. **Poema Sujo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976). E reforçamos: Stalingrado resiste. A delicadeza e a experiência (podem) resistir?

Rainhas brancas, espalhadas e escondidas entre buracos e pedras questionam: nem só de quidans pode seguir uma vida. Entre bombardeios, gases atroztes fazem Alice acordar e novamente querer retornar à incubadora. Um andarilho-Chapeleiro grita: para quem quer lonjuras, pequena menina, precisa aceitar ares congelantes!

Retorna ao vagalume, que, nos interstícios, vai apontando que a perda abrupta da delicadeza somada à pobreza da experiência não retira sua possibilidade de vir a seguir em pequenas brechas. Que os abandonos de peças do patrimônio humano ainda seguem acontecendo, mas, nesse espaço, outras podem ser talhadas. Artesanalmente. E nunca sozinha, porque devires de artesãos de experiências se fazem coletivamente, para que não apenas se aparem choques. Baobá, então, faz uma proposta a Alice, um tanto cansada de retomar sua hypomnémata à flor da pele: que tal um passeio pela memória de quatro estações, para que possamos sair dessa imobilidade asséptica e mumificada? Alice estranha. Baobá não tem muito dessas coisas de lembranças. Mas, com seus botões encolhidos, pensa que talvez aí se forje a primeira batida de recolocação de uma peça do quebra cabeças.

Entreolham-se. E, ainda encolhidos, seguem para a primavera.

Primavera [coisas muito claras me noturnam]

O poeta-das-dez-almas joga-se na seca grama desordenada e diz não agüentar mais. Fala que uma de suas almas está muito triste. Enquanto seu corpo-esparramado vai ganhando contorno novamente por suas palavras, ele se senta e lembra de muros difíceis de serem derrubados. Cambaleia na vontade de estar por trás das pesadas pedras. E pensa em voz alta, com baba, tensão e fluidos, que já não sabe mais de que lado está a prisão.

Alice permanece sentada ao seu lado. Com palavras encolhidas, pois cada palavra parecia ferir umas das almas, o poeta-das-dez-almas conta que não sabe ao certo porque essa única alma está tão triste. Lembra, então, de histórias primeiras, daquelas onde habitavam caixinhas de músicas, de amigos que se dissiparam quando as almas começaram a criar voz, e pede por silêncio. Alice e o poeta-das-dez-almas silenciam-se na cidade-zoológico. Os andarilhos que compartilham as terras vão se aproximando aos poucos. Chamam pelo poeta, que então ri. Diz do leão manso, e de outro que parece querer ficar escondido. Decidem por seguir andando.

A pequena Alice segue um tempo mais na terra esverdeada. Talvez aqui nem tanto de esverdeadas-esperanças, pensa ela. Rememora os saltos da luta antimanicomial. Entende, visceralmente, que a maior luta é sempre tecida diariamente, onde são necessárias energia e modalidades de pensamento e ação singulares como bem lembravam Ernesto Venturini⁴⁰, parceiro da borboleta-Baptista em terras italianas. Para seguir outra rota que não aquela que tendia a nos puxar para o mesmo status quo dos muros e da institucionalização.

Baobá lembra Alice da questão do olho do furacão. E pergunta-lhe como sair do status quo com o furor de aparar choques tal como nas grandes guerras. Alice pensa que choques são estes que devemos apagar. E que

⁴⁰ Ernesto Venturini acompanha a borboleta-Baptista em seus fascínios e pousos solitários do dia-a-dia. Em: BAPTISTA, Luis Antonio. **O Veludo, o vidro e o plástico – Desigualdade e diversidade na metrópole**. Niterói: Editora da UFF, 2009, p.13.

talvez um furacão que sempre se movimente seja mais interessante que uma lagoa apaziguada. Segue sem clareza.

A libélula-Tania⁴¹, batendo suas asas, lhe bifurca ainda mais as idéias. Dá-se então conta que é necessária muita coragem para se viver no olho do furacão e ousar talhar pequenas peças.

Mas seguiam. Lançavam-se na cidade-zoológico, diria Baudelaire, como crianças, com olhares gulosos de vida. E, feito trapezistas buscando equilíbrio, Alice, andarilhos e Baobá seguem para um ainda mais insólito verão.

⁴¹ Libélula-Tânia, acompanhada de maritimbas, "sujeitos criados com os pés calçados pela areia macia e pela água salgada" anuncia que é preciso permitir que "o pensamento distraia a consciência". Em: ENGELMEAN, Selda; FONSECA, Tania Mara Galli (org). **Corpo, Arte e Clínica. Porto Alegre**: UFRGS Editora, 2004, p. 89-103.

Verão_ [carregando água na peneira]

“Tenho um livro sobre águas e meninos. Gostei mais de um menino que carregava água na peneira. A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos. A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água. O mesmo que criar peixes no bolso. O menino era ligado em despropósitos. Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos. A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio. Falava que os vazios são maiores e até infinitos. Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito. Porque gostava de carregar água na peneira, com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira. No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo. O menino aprendeu a usar as palavras. Viu que podia fazer peraltagens com as palavras. E começou a fazer peraltagens. Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro botando ponto final da frase. Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela. O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor! A mãe reparava o menino com ternura. A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta. Você vai carregar água na peneira a vida toda. Vai encher os vazios com suas peraltagens. E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos” (Manoel de Barros, 470)

O calor na cidade-pedra fazia os corpos derreterem-se. Intensamente. As paredes pareciam gritar algo que não estava conseguindo ser escutado. Psiquiatras, psicólogos, técnica de enfermagem, serviços gerais, técnica-administrativa e pacientes perambulavam a esmo, buscando um canto de ar para que pudessem seguir. Alice e Baobá olhavam um tanto espantados. As portas ficavam abertas, e os delírios de alguns tomavam intensidade de som. E de corpo. Perguntavam-se os dois o que se passava ali para que se suportasse andar sem respirar. Passavam mal porque não encontravam nenhum fio de delicadeza nas almas ali. Todos, apressados por encurtarem palavras, pareciam em plena guerra, aparando choques. Percebem, entretanto, que essa onda de calor produziu algo naquelas pessoas. Todos, ao fim do dia, sentaram, junto a delicados icebergs de gelo de

sabores diversos, e disseram que pareciam estar vivendo no inferno. Lembraram de dias anteriores, dos sonhos de estarem naquelas paredes que agora pareciam expulsá-los, e conseguiram, em carne-viva, pela primeira vez, realmente, por em debate as direções do serviço e, com as palavras artesanalmente tecidas, falar sobre a singularidade de dois pacientes, para além de efeitos medicamentosos ou fumaças de miséria.

O rouxinol-Ítalo reaparece junto da borboleta-Baptista. Ítalo canta primeiro: “o inferno dos vivos não está no que vai ser; se houver, é o que está aqui, o inferno que vivemos todos os dias, aquilo que formamos juntos. Há duas maneiras para não sofrer por isto. A primeira é fácil para muitos: aceitar o inferno e passar a ser parte dele até o ponto de não percebê-lo mais. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o quê, no meio do inferno, não é inferno e preservá-lo, e abrir espaço”⁴². Alice e Baobá pensam que parece ser exatamente isso que aquelas pessoas tentam articular, molhadas pelos raios de sol que avisam dos efeitos que nossos velozes atos desresponsabilizados causam.

Sentem que ali está repleto de fragilidades. A borboleta-Baptista ajuda-os a pensar nas solidões que podem estar ali sendo compartilhadas em silêncio. Modalidades forjadas pela borboleta, mas borboletas são assim, intencionam belezas, mesmo nas ausências. Modalidades que Baptista chama de: solidão do tirano, solidão do rebelde sonhador e solidão dos tristes e angustiados.

A primeira diz sobre o fascínio, o poder e o uso da força. Tudo que se encontra fora do plano do tirano solitário é instrumento de exclusão, apagamento e resto. Aparece essencialmente no rosto dos fracos que compõe o resto, no espelho onde uma estratégia paranóica é refletida medindo forças. Encontramos a solidão fazendo do tirano completo, poderoso sim, mas só, em uma solidão cujo alimento é a inutilidade outorgada ao outro.

A segunda, do rebelde sonhador, é, em suas palavras, “tecida a partir da constatação sofrida, do desencanto, frente a um mundo dissonante às idéias do sonhador. Sofrimento decorrente da falência de

⁴² CALVINO, Ítalo. *Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 150.

modelos, de ausência de réplicas, de rebeldias iguais”⁴³. Por buscar diferir-se da dor da vida comum do dia-a-dia, coloca-se como uma dor épica heróica e distante, dissociada dos pequenos eventos do cotidiano. Encerra-se dessa forma, em utopias e rebeldias isoladas, fechando-se no desencanto ou na esperança. Uma espera vaidosa, sofrida e só.

*A dos tristes e angustiados, anunciada por terceiro, se enreda dentro de exploradores dos mistérios e infernos dentro de si. Ao contrário dos exploradores segundos, que buscam réplicas de sua rebeldia no mundo, os solitários tristes e angustiados não o fazem porque são incapazes de sair de si mesmos. Esclarece a borboleta-Baptista: “a solidão destes se faz envolta de mistérios, é a fundada na incerteza, as dores do mundo lhe escapam não dizendo coisa alguma”*⁴⁴.

Baobá fica reticente. Alice franze a sobrancelha. Nem tanto a primeira, um pouco talvez da segunda e pitadas da terceira. Mas há também uma solidão não descrita, que parece ser da violência do apagamento e desresponsabilização com a história e com o mandato de guerra de seguir aparando choques. Ficam a pensar. Que efeitos mesmo esse verão está por diluir?

⁴³ BAPTISTA, Luis Antonio. *Narrações contemporâneas: vagabundos e turistas nas práticas de saúde mental. Clio-Psyché Hoje – Fazer e Dizeres Psi na História do Brasil*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, v. I, p. 78.

⁴⁴ Idem, p. 79.

Outono_ [apertando parafusos no vento]

‘E passou um vento e eu fiquei assim’, diz a andarilha-de-olhos-gulosos que convoca Alice a entreolhá-la.

E passam, então, a estar de olhos dados.

A andarilha-de-olhos-gulosos abre portas, exala cheiros fortes da vida e fala alto dizendo de confusões e desrespeitos vividos. Balbucia, articula e grita aos quatro cantos qual o sentido de seguir vivendo se não tem nada para fazer. Conta a Alice sobre um chip implantado na sua cabeça após a rajada de vento. E conta também de dores de perdas. Perda de pai. Perda de filho. Perda de possibilidade de ter direito a ter direito.

Perdas. Alice respira e lembra da possibilidade de delicadeza exatamente naquilo onde a perda está dada. Sabia que a andarilha-de-olhos-gulosos sentia no corpo aquele Real lhe adentrando. Mas ainda assim a achava delicada. E a delicadeza no que se tem de mais sensível, que era a sustentação de uma experiência. A andarilha-de-olhos-gulosos não deixava ninguém esquecer de sua experiência. Marcada, manchada, e que por muitas vezes a desmanchava.

Baobá, no canto, gesticula para Alice que talvez a andarilha-de-olhos-gulosos queira escrever sobre essa experiência, para dar consistência de palavra. A andarilha-de-olhos-gulosos diz que anda mal das escritas por abandonos precoces à instituição escolar.

Alice lança um andarilhar por espaços escolares. Mas no seu tempo. No tempo. Com tempo. Baobá grita: ‘Alice, esqueceu que vamos partir em breve? Não há tempo para andarilhadas futuras. É hora de entrada no inverno. E hora de despedidas’.

Baobá parte. Alice indecisa, pensa em ficar. Mas sabe que não há mais como. A rainha vermelha já havia anunciado os cortes, e, se a pequena quisesse seguir com sua singela-coragem, devia descobrir outras ruelas.

Ficou assim, meio que apertando parafusos no vento, tentando achar possibilidade de ficar. E percebeu que o que mais se preza na experiência de andarilhar é o tempo que podemos despende. E que era o que ela menos tinha. E que não podia flagelar experiências pela sua pressa. Decide encarar o inverno em outras terras.

Inverno_ [tivemos saudades de nós]

“Fomos rever o poste/ O mesmo poste de quando a gente brincava de pique e de esconder/ Agora ele estava tão verdinho!/ O corpo recoberto de limo e borboletas/ Eu quis filmar o abandono do poste/ O seu estar parado/ o seu não ter voz/ O seu não ter sequer mãos para se pronunciar com as mãos/ Penso que a natureza o adotara em árvore/ Porque eu bem cheguei de ouvir arrolos de passarinhos que um dia teriam cantado entre as suas folhas/ Tentei transcrever para flauta a ternura dos arrolos/ mas o mato era mudo/ Afora o poste se inclina para o chão – como alguém que procurasse o chão para repouso/ Tivemos saudades de nós”. (Manoel de Barros, p. 430)

Alice põe-se a correr ao encontro de Baobá. E se recorda dos ensinamentos do vagalume-Benjamin. Essencialmente naquilo em que reposiciona a questão do tempo. Lembra-se da águia-Chico, que cantorolava baixinho: “depois de te perder, te encontro com certeza, talvez num tempo da delicadeza”. E diminui os apressados passos. Decide caminhar. Parar. Lembrar. Coloca-se na posição de andarilhar. E entende que a delicadeza se sustenta exatamente naquilo que pressupõe ruptura do linear, no que busca sair da miséria-acelerada da experiência.

Começa, então, a rever a história de suas cidades-pedra, cidade-sertão, cidade-dos-devaneios, cidades-esverdeadas, cidades-(in)visíveis. E se dá conta que também, por vezes mais prolongadas do que gostaria de acreditar, também opera como uma bárbara-em-sua-pobreza-de-experiência, sem contemplar as transmissões e narrativas sobre os espaços e pessoas, jogando-se como refém-espontânea em uma história de achatamentos e tábulas rasas. Mas se dá conta que talvez fosse necessária uma lonjura que a acordasse.

Baobá desponta no caminho. Parece mais leve, devaneia Alice. Sorri.

Relembra o vagalume, o rouxinol, o beija-flor, a borboleta, os andarilhos e percebe que suas experiências estão mais abertas agora do que no início da viagem. Teria as reencontrado no tempo da delicadeza?

Não pode mesmo render-se ao desaparecimento das experiências. E decide propor a Baobá uma aventura na sustentação da delicadeza.

Recolhe uma folha do chão, guardada em dias de andarilha com o poeta-das-dez-almas.

E uma lágrima cai.

Saída_ [o dia vai morrer aberto em mim]

“Sou um sujeito cheio de recantos/ Os desvãos me constam/ Tem hora leio avencas/
Tem hora, Proust/ Ouço aves e beethovens/ Gosto de Bola Sete e Charles Chaplin/ O dia vai
morrer aberto em mim”. (Manoel de Barros, 339)

A escolha por Manoel de Barros como tapete de entrada para cada pequeno capítulo veio na confiança de que Manoel é um daqueles que tece sobre o delicado. E constrói delicadezas com palavras. Como ele diz, o que mais queria era “fazer brinquedos com as palavras”⁴⁵ e de que o verbo “tinha que pegar delírio”⁴⁶.

Nessa porta de saída, muitas coisas permanecem abertas e algumas ainda nem sequer se abriram. A maior possibilidade de porosidade se deu ao rememorar - escavando e recordando, como diria Walter Benjamin - as histórias. Histórias que se (es)(ins)crevem com formas fundidas e forjadas, armadas a cada passo, a cada ruela de arco-íris que se abre.

Tomarmos a questão da delicadeza só tornou mais clara a impossibilidade de que ela se encerre aqui. E quiçá que se encerre em algum escrito. Por ser uma qualidade que necessita de luta diária para a mantermos viva em nós, torna-se um dos fios mais essenciais no trabalho diário em saúde mental e nos viveres das cidades.

Recolocá-la em cena, no “olho do furacão”, parece-nos dar consistência ao movimento de produção de práticas singulares e de encontro com a alteridade, mesmo dentro da barbárie de empobrecimento da experiência.

Os jeitos são muitos. E, mesmo enfrentando talvez a maior das guerras de nossa história, a delicadeza, é o que nos parece, persiste.

Manoel de Barros questionava-se:

⁴⁵ Deliciando-se como quem abre caixinhas de música com bailarinas cambaleantes pelo tempo-história. Em: BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010, p. 327.

⁴⁶ BAPTISTA, Luis Antonio. Narrações contemporâneas: vagabundos e turistas nas práticas de saúde mental. **Clio-Psyché Hoje – Fazeres e Dizeres Psi na História do Brasil**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, v. I., p. 301.

“-E as palavras, têm vida?”

“-Palavras têm carne aflição pentelhos – e a cor do êxtase”⁴⁷

Ousamos parafraseá-lo:

“-E a delicadeza, tem vida?”

Delicadeza tem carne aflição, pentelhos – e a cor do êxtase”.

⁴⁷ Idem referência 44, p.249.

Referências⁴⁸

ABRIL DESPEDAÇADO. Direção: Walter Salles. Produção: Arthur Cohn. Intérpretes: Rodrigo Santoro, Jose Dumond, Rita Assemany, Ravi Lacerda e outros. Roteiro: Sergio Machado e Karim Ainouz. Música: Antonio Pinto. BRA-FRA-SWI , 2001, DVD (1h39 min). Widescreen Color. Produzido por Video Filmes. Baseado no romance de Prilli i Thyer de Ismail Kodaré, adaptado por Karim Ainouz.

BAPTISTA, Luis Antonio. Narrações contemporâneas: vagabundos e turistas nas práticas de saúde mental. **Clio-Psyché Hoje – Fazeres e Dizeres Psi na História do Brasil**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, v. I, p. 71-83.

_____. **O Veludo, o vidro e o plástico – Desigualdade e diversidade na metrópole.** Niterói: Editora da UFF, 2009.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa.** São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II - Rua de Mão Única.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense. 2008, p. 114.

BERENSTEIN, Paola. **A estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real.** São Paulo: Globo, 2008.

CALVINO, Italo. **Cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁴⁸ As referências buscaram se fazer descritas aqui. Entretanto, sabedoras das metamorfoses da palavra em nosso corpo, acreditamos que há também aquelas que se diluíram de tal forma que podem não estar delimitadas apropriadamente nessas linhas. Mas referimos aqui e para além desse recorte sua(s) existência(s).

_____. **Seis Propostas para o próximo milênio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARNEIRO, Beatriz. **Relâmpagos com claror. Lygia Clark e Hélio Oiticica, vida como arte.** São Paulo: Imaginário/Fapesp, 2004.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas.** São Paulo: Coisac Naify, 2009.

EQUIPE DE ACOMPANHANTES TERAPÊUTICOS DO HOSPITAL-DIA A CASA (org.) **A rua como espaço clínico: acompanhamento terapêutico.** São Paulo: Escuta, 1991, p. 31.

ENGELMEAN, Selda; FONSECA, Tania Mara Galli (org). **Corpo, Arte e Clínica. Porto Alegre:** UFRGS Editora, 2004.

FREUD, Sigmund. **Sobre a Transitoriedade.** Edição Standart Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1915/b/ 1974.

GULLAR, Ferreira. **Poema Sujo.** São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

HEIDEGGER, Martin. **De camino al habla.** Barcelona: Edicionaes del Serbal, 1987.

KEHL, Maria Rita. **Delicadeza.** Disponível em: <http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=266>. Acesso em 20 de outubro de 2010.

_____. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **O léxico de Guimarães Rosa.** São Paulo: Edusp, 2001.

MARX, Karl. **Manifesto Comunista de Marx e Engels.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

MELLO, João Cabral de. **O Ferrageiro de Carmona**. In: **Crime na Calle Relator**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MERHY, Emerson Elias; AMARAL, Heloisa (org). **A reforma psiquiátrica no cotidiano II**. São Paulo: Hucitec, 2007.

PALOMBINI, Analice de Lima. **Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica**. 2007, 248 p. Tese (Doutor em Saúde Coletiva). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital: Ensaio sobre biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ROSA, Guimarães. **O Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RIO GRANDE DO SUL. Escola de Saúde Pública. **Normas para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Porto Alegre: 2008.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir editora, 2006.